

São muitos os artistas brasileiros, desde as últimas vanguardas modernas (como o concretismo), ou já na dobra entre o moderno e o contemporâneo (como o neoconcretismo), que têm produzido *Livros de Artista* – objetos geralmente únicos, com forte cunho escultural ou conceitual, e poderíamos afirmar que tal modo de produção se tornou uma prática frequente entre nós e em pleno vigor nos dias de hoje.

Em *Caixa Preta*, Mariana Roquette-Pinto, exímia encadernadora de livros – esses objetos amados e temidos, que jazem no cerne da tradição de nossa civilização, ao mesmo tempo matéria e espírito, alvos de violência, fetiche e fascínio – expande e desdobra ainda mais o significado simbólico deste artefato (o livro), usando-o como suporte para sua arte, na justa confluência entre as artes visuais e a literatura.

Apropriando-se (com as devidas autorizações) do livro *A caixa – histórias da câmara escura*, de Günter Grass (publicado no Brasil pela editora Record com tradução de Marcelo Backes), Mariana, por processo de apagamento, utilizando-se corretivo líquido e carimbos de borracha, extrai da história original uma nova narrativa, um poema que apenas ela escutou entre as folhagens de linguagem que todo livro inaugura.

Como o inconsciente freudiano, a obra de arte (o livro) proposto por Mariana Roquette-Pinto manifesta-se em uma complexa e orgânica malha de possíveis leituras e esquecimentos, constituindo-se como as profundas (e rasas) camadas de nossos próprios corpos.